



Universidade de Brasília
Faculdade de Educação Física
Curso de Licenciatura em Educação Física

Pedro Isaac Pereira Barretos

**O CORPO-NEGRO NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA NO PERÍODO DE
1940 A 1990**

Brasília, DF

2021

PEDRO ISAAC PEREIRA BARRETOS

**O CORPO-NEGRO NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA NO PERÍODO DE
1940 A 1990**

Brasília, DF

2021

PEDRO ISAAC PEREIRA BARRETOS

**O CORPO-NEGRO NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA NO PERÍODO DE
1940 A 1990**

Trabalho de Conclusão do Curso em Educação Física, Licenciatura,
examinado e aprovado em Brasília/DF, _____,
pela banca examinadora composto pelas professoras:

Profa. Dra. Dulce Maria Filgueira de Almeida
Orientadora / UnB

Fábio Assis Gaspar

Doutorando em Educação Física/PPGEF-UnB

Nárgila Mara da Silva Bento

Doutorando em Educação Física/PPGEF-UnB

Brasília, DF

2021

Dedico este trabalho aos meus colegas
estudantes e professores de Educação Física.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

A esta universidade, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a realização do curso.

A minha orientadora, a professora Dra. Dulce Almeida, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções, paciência e incentivos.

Agradeço a minha família, em especial minha esposa, filha e meus pais..

Aos amigos, que por meio da sua amizade fizeram parte da minha formação e que vão continuar presentes em minha vida com certeza.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1. Resultados dos artigos encontrados relacionado ao corpo negro, Brasília, 2021.....	18/19.
---	--------

SUMÁRIO

1. RESUMO.....	08
2. ABSTRACT.....	09
3. INTRODUÇÃO.....	10
4. CAPÍTULO I.....	13
5. CAPÍTULO II.....	17
6. CONCLUSÃO.....	28
7. REFERÊNCIAS.....	29

RESUMO

O corpo humano é a matéria-prima, ajustável aos avanços ocorridos na sociedade, e cada corpo contém suas individualidades, expressões, falas, representações históricas e origens. Fatores físicos, sociais e culturais estão em profunda interação, e são diretamente afetados por religião, classe social, gênero, cor, e pelo meio inserido. Esse estudo, teve como objetivo, compreender a relação do corpo-negro e racismo no Brasil, por meio da análise da produção bibliográfica, considerando as publicações em periódicos no período compreendido entre 1940 e 1990. A investigação teve como delineamento a pesquisa bibliográfica, em um caráter de revisão sistemática. O levantamento da produção científica ocorreu por meio da consulta a artigos publicados no Portal de Periódicos Capes, abrangendo um período de cinquenta anos de (1940 a 1990). Utilizou-se como palavras chaves os descritores: Corpo; Body; Brazil/Brasil; AND Donald Pierson. Com a aplicação dos critérios, de inclusão e exclusão, foram identificados 7 trabalhos para análise final. Os artigos foram lidos de forma integral e sistematizados no Google Sheets com as informações: título, autor, tipo de publicação e revistas de publicação. Os resultados evidenciaram baixa produção registrada sobre a temática em periódicos nesse período de tempo. Com relação à autoria, Donald Pierson é o autor com maior número de produções e os autores pesquisados são dos campos da história e das ciências sociais, com predominância desta última. Os periódicos nos quais os artigos foram publicados são de relevo internacional, destacando-se o American Journal of Sociology em quatro produções. Os conceitos e temas enfrentados nos artigos são educação, família e escravidão. Conclui-se que o corpo-negro é expresso por meio de práticas mediadas e relacionadas a essas temáticas.

Palavras-chave: Corpo-negro; Racismo; Produção Científica; Revisão sistemática; Brasil.

ABSTRACT

The human body is the raw material, suitable for the advances that have taken place in society, and each body contains its individualities, expressions, speeches, historical representations and origins. Physical, social and cultural factors are in deep interaction, and are directly affected by religion, social class, gender, color, and inserted environment. This study aimed to understand the relationship between the black body and racism in Brazil, through the analysis of bibliographic production, considering publications in periodicals in the period between 1940 and 1990. imperative of systematic review. The survey of scientific production was carried out through the consultation of articles published in the Capes Journal Portal, covering a period of fifty years from (1940 to 1990). It was used as keywords of the descriptors: Body; Body; Brazil Brazil; And Donald Pierson. With the application of the inclusion and exclusion criteria, 6 articles were identified for final analysis. The articles were read in their entirety and systematized on Google Sheets with the information: title, author, type of publication and publication publication. The results showed low production recorded on the subject in journals in this period of time. Regarding authorship, Donaldo Pierson is the author with the largest number of productions and the authors surveyed are from the fields of history and social sciences, with the latter predominating. The journals in which the articles were published are of international importance, with the American Journal of Sociology standing out in four productions. The concepts and themes addressed in the articles are education, family and enslavement. It is concluded that the black body is expressed through mediated practices and related to these themes.

Key words: Black body; Racism; Scientific production; Systematic review; Brazil.

INTRODUÇÃO

O conceito de corpo é variável, dependendo de qual local está sendo falado e estudado. Buscamos neste trabalho compreender o corpo em seus significados sociais e históricos, indo além de perspectivas biológicas ou de naturalização de um corpo imutável, sem mudanças e diferenças. Na esteira desta proposição, as reflexões de Le Breton (1992) a partir da sociologia do corpo são relevantes para que possamos entender a construção social deste objeto de estudo (pequena citação da obra de Le Breton – colocar na REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA)

Essa pesquisa foi baseada na perspectiva de um corpo que é constituído além das questões biológicas, com foco na construção através das interações sociais. Os estudos acerca do corpo em sua maioria abordam questões fisiológicas e nesse estudo não foi excluído tal fator, mas o coloca como uma questão a mais que pode influenciar na construção/definição do que é um corpo. Essa temática é alterada de acordo com o campo de pesquisa e nas ciências sociais o corpo é entendido como modificável conforme o tempo e suas interações sociais.

O corpo humano é a matéria-prima, ajustável aos avanços ocorridos na sociedade, e cada corpo contém suas individualidades, identidades coletivas, expressões, falas, representações históricas e origens. Fatores físicos, sociais e culturais estão em profunda interação, e são diretamente afetados por religião, classe social, gênero, cor, e pelo meio inserido (SODRÉ, 2017).

As definições sobre o corpo, perpassam por diversos debates de formação e objetos de estudos no Brasil. Contudo, é importante destacarmos que o conceito de corpo nesse estudo, parte sobretudo, de bases teóricas como as de Le Breton, que define o corpo humano em sua existência com o mundo, suas interações com o meio cultural, social e as relações entre si (ALMEIDA, 2015)

De modo geral, a pesquisa aqui apresentada versa sobre o corpo negro e racismo no Brasil e se insere no projeto sobre a constituição do campo sociologia do corpo brasileira. Para tanto, partiu-se de dois aspectos. O primeiro é de que os estudos acadêmicos no âmbito das ciências sociais no Brasil se iniciam com a temática das relações raciais, particularmente,

centrada nos estudos das práticas sociais e corporais de populações negras e o preconceito existente em nosso país. Nesse escopo, os estudos de Donald Pierson, Oracy Nogueira, Florestan Fernandes, João Baptista Borges Pereira que têm continuidade com cientistas sociais como Renato da Silva Queiroz são importantes para situarmos o que vem sendo evidenciados e discutidos.

Esses autores, de alguma forma, repercutem na produção do conhecimento em diversas áreas, inclusive na Educação Física. Está área que é multidisciplinar, que a relação com as ciências sociais cresceu muito, principalmente dentro da educação física na escola, fugindo dos padrões históricos de uma educação física esportivista, fazendo um vínculo mais progressista e social, se relacionando com questões sociais, formando cidadãos críticos e fugindo de padrão de movimento, onde a prática seria de rendimento e sem reflexão da sociedade como um todo. Hoje em dia o objetivo da educação física não é somente o adestramento físico e formação para práticas militares e esportivas, mas fazendo um vínculo com práticas esportivas, de modo reflexivo, onde se reflete ao que está sendo feito, criticando tudo o que acontece em sala de aula.

O segundo aspecto a ser evidenciado está relacionado à constituição da sociologia do corpo no Brasil. Pois, conforme Queiroz e Silva *et al*, (2016) demonstram que parte significativa dos estudos e pesquisas sobre corpo numa abordagem socioantropológica está construída no campo de conhecimento e intervenção pedagógica da Educação Física.

Com base no exposto, o artigo objetiva compreender a relação do corpo negro e racismo no Brasil, por meio da análise da produção bibliográfica da área das Ciências Sociais, considerando as publicações em periódicos no período compreendido entre 1940 e 1990. Especificamente, pretendeu-se (a) identificar quem são os principais autores, quais são a(s) área(s) predominante(s) de formação e como são abordados os conceitos basilares na produção bibliográfica brasileira; (b) verificar onde foram veiculadas as produções científicas e como se articulam, tendo-se em consideração os autores que servem de referência bibliográfica. E, por fim, (c) analisar o desenvolvimento das bases teórico-metodológicas das pesquisas sobre corpo e racismo na produção bibliográfica dos pesquisadores brasileiros,

procurando construir uma matriz epistemológica capaz de situá-los em campos de pesquisa, conforme a categorização de Le Breton (2006).

Capítulo I – CONCEITOS DE RACISMO / FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.

O tema racismo nos remete a que? A uma grande mazela social, que em nosso país é resultado de uma grande desumanização das pessoas pretas, a formação do nosso país que por mais de 300 anos operou uma lógica de opressão física, subjetiva, cultural das pessoas negras que foram escravizadas, transformadas em mercadoria. Uma lógica que infelizmente faz parte da base social do país e reflete até hoje grandes desigualdades e também privilégios. Não é mera coincidência que a população negra esteja em piores condições de moradia, estudo, trabalho, saúde e sofra mais com a violência.

No âmbito acadêmico Alguns autores que são referência nesse campo, como Oracy Nogueira, Florestan Fernandes e Donald Pierson fizeram estudos relacionados às relações raciais, sobre essa temática no Brasil e nos Estados Unidos, tais estudos quase sempre ocorrem de maneira comparativa entre essas duas nações, que foram protagonistas no trabalho escravo durante o desenvolvimento de sua história e até hoje possuem marcas deste processo.

Por mais que compreendamos que do ponto de vista biológico não há diferentes raças entre a espécie humana, sabemos também que a dinâmica colonial que se estruturou a partir do domínio europeu sobre os demais continentes, não se furtou de criar diferenciações, classificações e desqualificações povos e culturas, sendo justificadas seja de maneira religiosa ou sob o pretexto da “razão”, justificativas de dominação. “O racismo é uma crença de que a raça é o principal determinante das características, capacidades humanas e que as diferenças raciais produzem uma superioridade inerente a uma determinada raça” (CORBEIL, 2008, p. 308). Esse processo pode ter sido construído no processo histórico de escravidão onde em sua maioria os negros serviam aos brancos em diferentes locais do mundo.

Milhões de pessoas foram capturadas no continente Africano, local de origem de muitos homens e mulheres que foram transportados de maneira precária para diversas colônias europeias. Este processo da captura e venda de milhões de pessoas foi fundamental para o amadurecimento da rede comercial que estruturou a economia capitalista e resultou no domínio de alguns países europeus sobre diversas regiões e populações.

Não se sabe ao certo quando e como surgiu esse termo, mas as pesquisas mostram que ocorreu num processo histórico, construído de maneira integral e mundial, já que o processo de escravização de homens negros não foi isolado apenas no continente americano, mas no europeu e africano.

Florestan Fernandes (1920-1995) , o patrono da sociologia brasileira, desenvolveu seu trabalho acerca de temáticas voltadas às minorias e classes desfavorecidas, fez importantes estudos sobre as sociedades indígenas brasileiras, contribuiu para o desenvolvimento sociológico brasileiro e fez importantes estudos sobre a integração do negro. Uma fala importante deste autor é que “a ausência de conflitos não indica que não há racismo” o que caracteriza o termo “racismo velado”, significando que o racismo é calado, oprimido, esquecido. Este termo de Florestan é muito atual, como o mesmo previa que seria.

O autor tinha um termo relacionado ao racismo denominado de “racismo velado”, onde ele aponta que em relação a formação histórica brasileira devemos nos reportar a pontos como: escravismo, economia mercantilista, influência racistas europeias e o negro libertado não ser integrado. Posteriormente o autor reafirma que mediante o que foi citado ocorre uma ausência de igualdade de oportunidades que impacta a pirâmide social brasileira até os dias atuais. A justificativa que o mesmo traz para este racismo é de um capitalismo dependente, ou seja, de uma metrópole e de outras potências mundiais do centro do capitalismo e uma herança do passado escravista, que renegava ao negro direitos e dando um local de inferioridade social de funções, direitos e formação.

Esse racismo velado contribui para a manutenção das desigualdades na sociedade brasileira e a possibilidade de mudanças dessa manutenção é referente da estrutura de distribuição de renda, prestígio e poder (conclusão sua ou do Florestan?).

Oracy Nogueira (1917-1996), renomado sociólogo, senador e antropólogo brasileiro, foi estudante-bolsista de Donald Pierson pela Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP) e mais tarde desenvolveu sua tese de doutorado pela Universidade de Chicago. O conceito desenvolvido pelo autor em relação ao preconceito vem denominado de duas formas, que são: preconceito racial de marca e preconceito racial de origem, fazendo analogia com o preconceito racial do Brasil e dos Estados Unidos, respectivamente.

Em matéria divulgada no site da Fundação Oswaldo Cruz percebemos a importância dos estudos de Nogueira ao problematizar as características do “preconceito de cor” também presentes no Brasil. Ao contrário do que se postulava na época, Nogueira não reduziu a perspectiva do preconceito quando comparada a dinâmica presente nos Estados Unidos, mas observou como as relações raciais no Brasil eram complexas e camuflavam a existência do preconceito, o que era na verdade latente na sociedade brasileira

A definição do preconceito racial de marca, segundo o autor, é definida pela aparência e cor da pele. Onde a “marca” de sua pele, traços e etc, será uma forma visual de mensurar o racismo, pressupondo a qual classe social uma pessoa pertence de acordo com suas características físicas.

O conceito que é relacionado a racismo nos Estados Unidos é contrário ao que ocorre no Brasil. Nos EUA o racismo ocorrerá independente de sua cor e características físicas, mas sim de acordo com a sua origem, seus antepassados. Então uma pessoa branca, que não possui nem um traço de pessoa negra sofrerá com o racismo devido as pessoas que a antecedem, de origem étnicas. Esse autor faz outra comparação em relação aos dois países, que é a definição de brancos e não brancos, para ele nos Estados Unidos existe uma nítida linha que distingue essas pessoas, no Brasil já não ocorre, de modo que no Brasil há maior ambiguidade nas relações raciais Donald Pierson, sociólogo que advém da escola de Chicago, escola muito conhecida pelos estudos urbanos a partir da ecologia social, que diziam estar relacionados aos comportamentos e as mentalidades. Pierson como já citado foi um dos autores que fez estudo sobre o negro no Brasil e Estados Unidos. No Brasil seus estudos ocorreram mais precisamente na Bahia e posteriormente acabou lecionando na Universidade de São Paulo. Os estudos deste autor compõem o processo de formulação da urbanização, as suas pesquisas a cerca dessa temática falam de: processo educacional, família e negros.

O ponto que o autor traz sobre racismo é “Não existem castas baseadas na raça; existem somente classes. Isto não quer dizer que não existe algo que se possa chamar propriamente de “preconceito”, mas sim que o preconceito existe e é um preconceito de classe e não de raça” (Donald Pierson, NEGROES IN BRAZIL, 1942) . [MOU 1] Este conceito o autor relaciona a própria concepção de racismo no Brasil (seria preconceito?).

O conceito de racismo que o autor relaciona aos Estados Unidos está voltado para a questão da raça, que independe da sua classe social. Então se você é rico ou pobre isso não alteraria o fato de que você sofreria racismo.

Esses três fazem parte do grupo de autores que são referência no estudo do preconceito racial no Brasil. Percebe-se que a trajetória de pesquisas dos mesmos cruzam no decorrer dos anos de trabalho, Oracy Nogueira foi orientado por Donald Pierson, Florestan contribuiu na pesquisa patrocinadas pela Unesco juntamente com Oracy, Luiz Aguiar Costa Pintos, Virginia Bicudo, Roger Bastide, entre outros.

Em relação aos conceitos apresentados pelos autores nota-se certa semelhança nos conceitos de Oracy e Donald, que vem da mesma linha de pensamento e escola. Já o estudo de Florestan traz um conceito mais afastado dos outros autores, porém semelhante. Percebe-se que os autores trazem uma relação de racismo com questões de classe, características físicas e o contexto histórico formador desse preconceito de raça.

Nos dias atuais o preconceito permanece e pode ser percebido de acordo com as concepções que os três autores nos trazem, mas embora influencie as concepções trazidas por Oracy e Donald sobre preconceito de classe e de marca esses fatores não podem ser considerados como determinantes para o racismo. Hoje menos que antigamente o preconceito de marca realmente era mais forte, mas quando duas pessoas que se encontram no mesmo patamar social e de características físicas diferentes sofrem aqueles que possuem traços de pessoas negras, então esse conceito de preconceito se mostra atual. O preconceito permanece, mas que se hoje temos elementos para compreendê-lo e combatê-lo em sua condição estrutural – o racismo, isto se deve às contribuições iniciais de Pierson e os desdobramentos em Nogueira e Fernandes)

Tanto o preconceito de classe quanto o de marca nos remetem a ideia de que caso o homem negro consiga se desenvolver socialmente, atingindo uma classe social superior a que geralmente homens negros se encontram ele não sofrerá racismo, o que é um conceito chave para a época, mas não para os dias atuais, pois o racismo está muito ligado ao conceito de origem e traços físicos. Embora o preconceito de marca fale de traços físicos, é errônea a ideia de que se consegue desenvolvimento social não sofrerá racismo.

Capítulo II – ASPECTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa científica é determinada em razão da natureza do seu objeto de estudo, que, nesse caso, problematiza a produção científica acerca do corpo negro no Brasil no período de 1940 até 1990. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica, com caráter de revisão sistemática. O levantamento da produção científica ocorreu por meio das consultas de artigos publicados, abrangendo um período de cinquenta anos (1940 a 1990).

Os trabalhos de revisão de literatura são destinados à divulgação e comunicação científica, e por essa razão estão sujeitos a critérios metodológicos. Os critérios definidos para seleção de artigos foram constituídos pela base de dados do Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Periódicos Capes).

Os termos utilizados para realizar as buscas foram distintos em cada fase da pesquisa, porque a produção científica acerca do tema nesse período era baixa. No começo foram utilizadas as palavras-chave: Corpo/Body, Negro AND Brasil. Essa busca resultou em 10 publicações encontradas que compuseram a amostra inicial. No primeiro momento, essa amostra foi submetida ao processo de análise, sendo realizada a leitura dos títulos e resumos dos mesmos, para saber quais deles corresponderiam ao objetivo da pesquisa, o que seria fator de inclusão. O fator de exclusão foram os artigos que não apresentavam conteúdo acerca da temática. Após aplicados os fatores de inclusão e exclusão, constatamos que as publicações encontradas não atendiam às necessidades da pesquisa.

Ampliamos então o escopo da pesquisa, redefinindo os descritores para a consulta. Para esse caso, utilizamos o critério de busca avançada disponível no Portal de Periódicos Capes e como descritores as palavras chaves: "Brasil" AND "Donald Pierson", com o período

de 1940 até o ano de 1990. O resultado encontrado foi composto por 30 artigos. Buscou-se, a redefinição dos critérios de inclusão e exclusão, e neste caso, o principal deles era que estivesse relacionado ao escopo da pesquisa e que os textos estivessem disponíveis para consulta em forma de artigo científicos. Com a aplicação desses critérios, constatamos por meio da leitura do título, resumo e objetivo dos textos, que 7 trabalhos s estariam aptos a compor a amostra final para a realização do trabalho.

Esses artigos foram lidos na íntegra e sistematizados no Google Sheets com tais informações: título, autor, tipo de publicação e revista ou instituição que o publicou. A leitura desses artigos tinha também o objetivo de identificar quais eram as referências teóricas utilizadas pelo artigo, os principais conceitos que o texto explora, qual o tipo da pesquisa realizada (bibliográfica/documental), o método da pesquisa, modelo de pesquisa e como o autor do artigo trabalha conceitualmente o corpo negro. No Quadro a seguir estão dispostos os materiais identificados e selecionados para a pesquisa.

Quadro 1- Artigos sobre corpo negro no Brasil (1940-1990)

TÍTULO	AUTORIA	TIPO/ ANO	PERIÓDICO
The educational process and the Brazil negro	Donald Pierson	Artigo (1943)	American Journal of Sociology
The family in Brazil	Donald Pierson	Artigo (1954)	American Journal of Sociology
Slavery and the Genesis of American race prejudice	Carl. N. Degler	Artigo (1959)	Estudos comparativos de história e sociologia
The influence of Africa on Africa and of Brazil on Africa	José Honório Rodrigues	Artigo	The Journal of African History

		(1962)	
Assimilação e populações marginais no Brasil: estudo dos imigrantes germânicos e seus descendentes	Emillio Willmems	Livro (1940)	Brasiliana.
The negro in Brazil	Arthur Ramos	Artigo (1941)	Journal of Negro Education
Negroes in Brazil	Donald Pierson	(Artigo) (1942)	American Journal of Sociology

Fonte: Barretos (2021).

O objetivo do estudo foi: (a) identificar quem são os principais autores, quais são a(s) área(s) predominante(s) de formação e como são abordados os conceitos basilares na produção bibliográfica brasileira; (b) verificar onde foram veiculadas as produções científicas e como se articulam, tendo-se em consideração os autores que servem de referência bibliográfica. E, por fim, (c) analisar o desenvolvimento das bases teórico-metodológicas das pesquisas sobre corpo e racismo na produção bibliográfica dos pesquisadores brasileiros.

A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE O CORPO NEGRO NO BRASIL (19940-1990)

Conforme os resultados encontrados no quadro, observou-se que há predominância de autoria dos artigos identificados, destacando Donald Pierson como sendo mais evidenciado (três artigos), e quatro autorias distintas: José Honório Rodrigues, Carl Degler, Emillio Willmems e Arthur Ramos. Os artigos estão vinculados em diferentes locais como: American Journal of Sociology (três artigos foram publicados nessa revista), Journal of Negro Education, revista Brasiliana, The Journal of African History, Estudos comparativos de história e sociologia. Vale salientar que a maior parte da produção se encontra no idioma inglês e foram publicadas em revistas de alta qualificação, como o American Journal of Sociology.

É possível perceber que no Brasil, Donald Pierson da escola de Chicago tem valor fundamental no desenvolvimento deste tema, especialmente pela predominância de estudos desenvolvidos sobre a temática. Foi pioneiro em relação ao que foi chamado de nova sociologia, pois tinha o objetivo de romper a barreira de estudar somente as relações humanas “As novas ideias sociológicas procuraram romper com a tradição passada”.

Os artigos encontrados são em maioria veiculados pelo jornal americano de sociologia (*American Journal of Sociology*), tendo uma publicação no (*The Virginia Magazine of History and Biography*), outra no site da Universidade de Cambridge (*Cambridge University Press*) e a última na revista (*Brasiliana*). Todos os artigos se articulam no campo de pesquisa das áreas sociais.

Adicionalmente, ao buscarmos identificar a área de formação dos autores, destacamos que eles estão situados nos campos da história: Degler, (historiador), José Honório Rodrigues foi um advogado e historiador) e Arthur Ramos era médico com especialização em psiquiatria social e era também antropólogo, Donald Pierson era sociólogo. Havendo um foco nas ciências sociais na formação dos autores.

A produção científica analisada não faz uma classificação do corpo negro, mas analisa e compara as formas de escravização, apontando os locais do país que mais chegaram os escravos. Além disso, mostra como os negros eram tratados pelos seus patrões e como eles foram escravizados perdendo os seus direitos e os ganhando depois, como ocorre o processo educacional para pessoas descendentes de negros no Brasil. Os artigos falam também da importância da família e a classifica de acordo com a classe social; da fonte de preconceito racial, comparando como o negro se desenvolveu após a escravidão em outros países, comparando aos Estados Unidos, a influência do Brasil na África e da África no Brasil.

Contudo, conforme os estudos apontados, destacaremos os principais resultados achados nas pesquisas. Iniciaremos com o primeiro artigo de Donald Pierson “The educational process and the Brazil negro”, o estudo faz comparação entre o processo educacional no Brasil e nos Estados Unidos, apontando que os negros, brancos e mestiços concorrem em ampla concorrência nesse processo de educação. O artigo retrata ainda a perda da construção da identidade dos negros no processo de educação por conta da depreciação da

sua origem. Além disso, um destaque para as relações sociais dos negros no Brasil de acordo com o passar dos anos, estudando sua relação com a aprendizagem e com a família.

O artigo apresenta dados para a localidade que os escravos vieram para o Brasil e diferenciando o processo de vinda dos escravos que vinham para o sul que geralmente eram os europeus, para as demais localidades do país vinham os africanos, o que mais tarde iria influenciar no processo educacional. O processo educacional das pessoas que eram descendentes dos escravos não era contextualizado, as pessoas que tinham traços “menos negros” continham uma educação mais divertida e contextualizada (PIERSON. D, 1943).

No desenvolvimento é falado como ocorre o processo de educação onde as pessoas que possuem traços mais fortes de serem descendentes de negro possuem maior dificuldade em se desenvolver nas classes sociais, pessoas que possuem traços voltados a pessoas brancas possuem menor dificuldade no Brasil. O ensino no país não possui uma segregação evidente, mas os favorecidos são os que possuem traços voltados a pessoas brancas e as pessoas que conseguem se desenvolver sendo descendentes de negros são exceções. Um dos pontos importantes neste estudo é que se fala não somente do negro, mas do mestiço, por possuir traços de pessoas negras ele tem maior facilidade em relação a pessoas que tem traços de pessoas negras mais acentuado, como cabelo crespo e pele mais escura.

O autor apresenta dados que mostra em quais áreas estão concentrados os negros, mulatos e mestiços. Como já esperado os negros ficam na primeira parte do sistema educacional, as escolas primárias, especialmente as de apoio estatal, como descrito no próprio artigo. Os mestiços apresentavam uma forte tendência de avançar em posições sociais e no momento estavam em posições intermediárias. Brancos como já esperado, ocupavam os níveis superiores, o número de brancos desce gradualmente de acordo com que se desce a escala de classe. A comparação em relação aos Estados Unidos é quando se compara o desenvolvimento dessas classes sociais em relação a educação, onde que mesmo que lentamente, embora contínuo, é muito parecido com a do Brasil. As diferenças são profundas, onde o negro na Bahia concorre livremente. Como já falado, ocorre a depreciação em relação à cultura dos africanos e demais imigrantes, embora tivesse sido “aceita” tais práticas eram vistas com maus olhos.

Nesse artigo de D. Pierson o negro é muito citado, já que é título da pesquisa e o conceito apresentado pelo autor acerca do tema é relacionado à como se desenvolveu acerca da temática, falando onde o mesmo se localizava na ordem de desenvolvimento escolar (que era nas primeiras classes, classes primarias e pouca presença em ensino superior), e fala também da depreciação da cultura advinda dos negros, perdendo assim a suas raízes. O conceito de corpo aparece pouco, somente uma vez e se relaciona com o corpo gestual.

O segundo artigo, também de autoria de Donald Pierson “A Família no Brasil”, este estudo trata da importância da família na vida local e nacional em diferentes períodos e diferentes tipos de família, apontando as suas classificações. O artigo apresenta três tipos de família, (1) sen-classe horjal (proprietários de terras); (2) A de escravos; e (3) a do “pobre livre” (classe baixa). De acordo com a classificação apresentada, seguia-se a forma com que cada família vivia em seu cotidiano. Os escravos viviam de forma "efêmera, estando a sujeita à vontade e capricho do mestre”. Da família do “pobre livre” não há nada, como o próprio artigo diz “os historiadores têm dado atenção quase exclusivamente para a classe senhorial”.

O artigo fala de maneira praticamente exclusiva da família dos proprietários da terra (família senhorial), as características dessa família, e como já era esperada é de uma família tradicional, onde há influência da igreja e preservação da sua “linhagem”. O casamento foi o foco deste artigo, apresentado como o ocorreu e quais eram as suas regras. Os matrimônios eram combinados, primos e primas se casavam e casos excepcionais de tio com sobrinha. As mulheres deviam ser todas virgens antes do casamento e a atividade sexual era restrita ao seu companheiro, não era admitido casamento após a ocorrência de um divórcio. As mulheres deviam ser obedientes aos seus esposos, se restringindo a essas atividades e a atividade religiosa.

Outro fator de destaque no artigo são as tradições nos casamentos que foram se alterando, no início as mulheres deviam somente servir ao seu marido, filhos e casa, com o passar dos anos isso foi se modificando e a mulher conseguiu um papel de companheira de seu marido e não de uma servidora. Assim como o papel do homem foi alterado também que ele deixa de ter a função de “patrocinador” da sua esposa e passa a ter respeito e uma relação de companheirismo. As atitudes não são mais as mesmas, onde os casamentos eram de maneira desigual, passa a ser uma relação de mão dupla, a relação sexual passa a ser mais

comum antes do matrimônio e deixa de ser uma "tabú", e com o passar dos anos foi sendo quebrado toda aquela tradição, padronização que era feita em cima dos casamentos.

Este segundo artigo está mais relacionado como a família é importante e como se desenvolveu, os pontos que falam acerca do negro ou discriminação estão ligados a submissão que os negros viviam em relação aos patrões e as condições precárias que eles viviam, se enquadram nas classes de família de pobres livres e de escravos. O conceito de corpo não aparece descrito no artigo de maneira clara, mas como ocorre a descrição que as relações foram se alterando e com isso influenciando nas manifestações do corpo social, através das interações mais livres e menos ordenadas, principalmente para as mulheres.

O artigo do Athur Ramos "the negro in Brazil" fala da chegada do negro no Brasil, apresentando dados e números do crescimento populacional do Brasil para substituir a mão de obra que era realizada pelos índios de forma escrava. O artigo fala também como foi distribuído a quantidade de negros em todo o país e qual mão de obra eles iam realizar. As atividades de ocupação eram: cana de açúcar, café, atividades domésticas e inseridos nas principais cidades RJ, SP e MG, Mato grosso, havia negros escravos por todo o país mas, esses eram os principais pontos onde se localizavam os escravos negros.

O autor fala da dificuldade em estudar o crescimento populacional do Brasil e distinguir quem era os negros, brancos mestiços, mulatos. A pesquisa relacionada a negros no Brasil sempre foi um problema, não se preocupavam de onde eram os negros, qual era a diferença étnica, mas somente a sua mão de obra e os tratavam como escravos. Esse é um ponto importante do artigo e desse autor, onde ele mostra como os negros eram tratados apenas como "máquinas" e não de onde eles vinham, como poderiam ser tratados, mesmo que fossem para desempenhar uma mão de obra.

Considerando raças brancas, sempre é possível distinguir um alemão de um italiano, um eslavo de um mediterrâneo, mas quanto aos negros que o regime de escravidão deu a eles apenas uma designação geral: "peça da África", "Negro da Costa", ou simplesmente "preto" ou "negro" ("Preto"), assim não a nada que possa caracterizar a distinção de pessoas negras. A única condição que os compradores exigiam eram vigor e saúde a fim de obter o mais alto possível lucrar com seus escravos, e isso foi a única diferença real vale a pena homens

relacionamento entre um negro da Mina, Congo ou Angola.” (RAMOS, Arthur. O negro no Brasil. **Journal of Negro Education** , p. 515-523,194).

O conceito acerca do negro neste estudo está relacionado a sua vinda para o Brasil, como vieram, de onde, para onde, o que faziam e como se desenvolveram em relação ao crescimento populacional do país. Assim, o conceito de corpo neste artigo de maneira escrita não aparece nenhuma vez, mas com o conceito desta pesquisa que é de um corpo construído de maneira interativa com os outros e com o meio, nota-se que constam sim falas sobre a temática.

O artigo de Carl N. Degler “Slavery and the Genesis of American race prejudice” (A escravidão e a gênese do preconceito racial americano), o artigo fala que a escravidão foi a fonte do preconceito contra o negro, fazendo comparações de como o negro se desenvolveu em outros países após a escravização em diferentes lugares e nos EUA não. O artigo dá exemplo que nas colônias europeias (portuguesas, e espanholas) havia forças que buscavam impedir a visão de inferioridade do negro, essas forças eram “a continuação do direito romano da escravatura nos países ibéricos, a influência da igreja católica e a terceira foi a longa história, o que não ocorreu na América do Norte. Há o apontamento para a demora do desenvolvimento das questões legais (leis) sobre os negros nos Estados Unidos, que só ocorreu cerca de quarenta anos após a chegada dos mesmos no país.

Este artigo também faz comparação entre o ganho de direitos entre escravos negros e brancos onde ele aponta que os brancos ganharam seus direitos antes dos negros e não houve discriminação como a do outro grupo. O primeiro(1) ponto importante é realizada a pergunta “ o que apareceu primeiro, escravidão ou discriminação?”. Como apontado, o argumento é que o negro foi tratado de forma inferior ao branco seja ele servo ou livre. E esse tratamento inferior foi aplicado sobre os índios também. São citados vários exemplos de como os servos negros foram tratados de forma diferente dos servos brancos, exemplo: quando enviavam servos negros era enviados homens a mais como calção para o serviço destes homens negros, punição diferente para servos brancos e negros onde os mesmos tinham que pagar com o tempo de sua vida natural trabalhando, ao servo branco aumentava um ano a mais de trabalho e etc.

O segundo (2) ponto muito importante deste artigo é o que ele demonstra os valores que os escravos valiam, onde os escravos negros valiam mais do que os escravos brancos. Há a comparação entre um escravo branco criança que valia 700 libras e uma negra criança que valia 3.000 libras, onde o negro valia mais, o que era avaliado era o tempo de serviço que aquele servo poderia servir ainda, mas de todo modo os negros seguiam mais valorizados que os brancos, acredita-se que porque os brancos já não podiam exercer qualquer serviço porque os escravos brancos já haviam direitos, o que restringiam seu tempo e forma de serviço (pág. 12/13)

O terceiro (3) destaque importante é a tentativa de restringir a relação de mulheres brancas com homens negros através de uma lei, em que as mulheres que tivessem filhos seguiriam a linhagem da mãe, esta mesma lei destaca que “qualquer cristão que fornicar com um negro pagará o dobro de multas e impostos e que qualquer mulher branca livre que se casasse com um escravo deveria servi ao mestre de seu marido a vida escrava e seus filhos até os 30 anos de idade”.

O artigo de modo geral faz comparação entre os escravos negros e brancos, fazendo questionamento de como surgiu a discriminação e qual surgiu primeiro, apoiando na ideia de que a discriminação permeia a escravidão até a época da publicação do artigo (1959). O conceito de corpo aparece duas vezes de maneira direta, fazendo relação com a punição aos escravos que cometessem erros e a depreciação, contaminação de seu corpo a pessoas que se relacionassem com negros.

O estudo de Emilliano Willmes é o único livro encontrado acerca do tema e tem o objetivo de introduzir de modo geral sobre a assimilação e populações marginais no Brasil, como o próprio autor fala. Tentou-se entender o ponto de vista do autor e o objetivo dele com este livro “Assimilação e populações marginais no Brasil: estudo dos imigrantes germânicos e seus descendentes”.

Notou-se que o objetivo do autor era introduzir de modo geral o que era e como que ocorreu o processo de assimilação, quando o autor traz dois capítulos falando exclusivamente deste tema, onde ele fala da “assimilação biológica e social; mudanças no conceito de assimilação social nos Estados Unidos; reciprocidade da assimilação social; o conceito de

assimilação social limitado aos dados transmissíveis pelo convívio e locação social limitado aos dados transmissíveis pelo convívio e educação. No segundo capítulo sobre o mesmo tema ele trata de várias formas de assimilação também, mas já começa a se falar do imigrante, sobre "aculturação"; principais dados sociais e culturais "oferecidos" pelo imigrante; marcas raciais.

O conceito que o texto nos mostra sobre assimilação é " Em analogia, a assimilação social envolve o abandono da nacionalidade primitiva pelos imigrantes e a adoção da nacionalidade de Seu novo meio". (2) A ideia de desnacionalização que "deve" preceder a nacionalização, encontra-se em quase todas as definições do processo assimilador. (WILLMES, 1940, P.15)

A palavra "negra" aparece cinco vezes, a primeira falando do contraste que põem em relevo a situação social do negro; a segunda palavra está inserida na questão de discriminação, citando como exemplo os judeus na Alemanha, do negro, chinês e japoneses na sociedade americana; a terceira palavra segue no contexto de discriminação, falando que em certas regiões do Brasil que tem habitantes que são descendentes de alemães fazem referência a negros de forma negativa e pejorativa. "Em certas regiões habitadas por descendentes de imigrantes germânicos podem-se encontrar estereótipos sobre o "luso-brasileiro", os quais, reduzidos a um denominador comum, apresentam estes aspectos: O "luso": ser exótico, negroide ou escuro ("azul"), preguiçoso, doente, pouco aseado, alimenta-se de feijão e farinha de mandioca. É germanóphobo, nativista, politiqueiro, invejoso, amável, hospitaleiro, mas falso". (Williames, 1940, página 184). A quarta palavra somente faz citação do negro como uma das várias raças que existem; a quinta faz referência a uma palavra usada no cotidiano daqueles imigrantes que era "negro diabo".

O artigo de José Honório (A influência da África no Brasil e do Brasil na África) fala da influência trocada entre esses dois países com a vinda de escravos africanos para exercer trabalho escravo e do brasileiro na África. Esse trabalho aponta as mudanças que ocorreram no campo da pesquisa e critica o pouco estudo relacionado ao negro, ocorrendo assim um crescimento e desenvolvimento de um estudo organizado do negro no Brasil, mas não tem um capítulo exclusivo para os negros.

O autor faz uma citação de Joaquim Nabuco (1922), que fala que o principal efeito da escravidão no Brasil foi “africanizá-lo e saturá-lo de preto sangue. Segue-se o estudo e é apresentado dados da população brasileira, que 11% são de negros, 26% de mestiços e apenas 2% de ameríndios (habitantes da América antes da chegada do europeu). Posteriormente fala-se da importância do negro para o desenvolvimento étnico brasileiro.

Segue-se estudando o processo do negro durante este estudo, apontando de onde vieram os escravos para o Brasil, vindo da África, mas especialmente do Congo e Angola, estes escravos foram obtidos na guerra e por pombeiros (que também eram mulatos ou mesmo negros). No século XVII em diante ocorre o processo de troca de produtos brasileiros como café, açúcar, conhaque e, por negros. O processo de escravização era transversal a todos os níveis financeiros, onde até mesmo os negros ricos poderiam ser escravizados. Havia a preferência de negros vindo de países diferentes, no Brasil o Negro escravo preferido era os Bantu, eram mais maleáveis, menos reservado, falante e adaptável do que os outros negros, também porque aceitaram o cristianismo.

Apontando a influência da África aqui é citado o ponto culinário, onde a dieta brasileira tornou-se africanizada, a vestimenta das baianas é também influenciada pelos africanos, forma de falar, a forma de falar “crioula”, influência na música e no folclore. Um ponto importante neste estudo é a comparação breve que é apontado em relação ao processo de escravização entre EUA, Inglaterra e Brasil, que aqui era muito comum a libertação dos negros e nos outros países não. É apontado que em 1988 havia três vezes mais negros livres do que escravos.

Conclui-se que a maior contribuição africana no Brasil é a da composição demográfica, que se distingue da maioria dos outros países latino-americanos (RODRIGUES, 1962, p. 14). O artigo conclui o ponto de influência da África no Brasil dizendo que mesmo com a influência demográfica, este país não é aborígene e nem africanizado, mas equilibrado e homogêneo.

Dando início à temática influência do Brasil na África, começa criticando os poucos estudos no Brasil referente ao outro país. Mas é falado que as contribuições e influências entre os mesmos foi recíproca devido ao fato de semelhança climática, aspectos biológicos. Assim

como a África influenciou o Brasil, houve a influência reversa no quesito culinário, como por exemplo o plantio de tabaco, milho, batata, banana e principalmente a mandioca e o milho, que se tornaram alimentos que aliviaram a fome na África. Essa relação é até certo ponto complementar, onde houve troca de culinária e escravos, principalmente.

CONCLUSÃO

Compreendendo o objetivo principal deste estudo e como foi conduzido o método de análise, é possível afirmar que as pesquisas sobre essa temática no período de 1940 a 1990 é difícil de serem evidenciadas e destacadas, daquela época. Nessa época, a maioria da população acadêmica eram pessoas brancas, fatores primordiais para uma educação hegemônica que ocorriam no Brasil (JUNIOR, 2002) Além disso, a educação não era garantida a todas as pessoas, e sim, para pessoas de classe alta. A exclusão de pessoas negras era mais evidente ainda nessas décadas do que nos dias atuais, ocorrendo uma série de fatores que contribuíram para que a produção científica sobre o tema nesse período fosse dificultada, sobretudo, poucas prevalências de achados relacionados a “corpo negro no Brasil”.

Os resultados encontrados período são relatos e estudos comparativos da forma da chegada dos negros no Brasil, como eles foram escravizados (qual a mão de obra que eles iriam exercer), como os seus patrões os compravam e como os tratavam de acordo com as correções a serem feitas no dia a dia de trabalho dos escravos, estudos relacionados à família, comparação ao desenvolvimento após o período de escravidão do negro, influência do Brasil na África e da África no Brasil, família de acordo com a classe social. Pierson em seus artigos faz mais estudos comparativos de relações sociais de pessoas negras a Bahia, em São Paulo, mostrando como essas pessoas eram tratadas e viviam nessas regiões, apontando também a forma com que elas foram marginalizadas após a escravidão.

Nesse contexto, torna-se necessário o debate e a realização de pesquisas que busquem discutir a temática do corpo negro no Brasil. Os estudos não trazem um conceito formado sobre o corpo negro. E a partir disso, sugere-se a realização de novas pesquisa sobre o corpo negro, refletindo sobre os significados atribuídos a sua formação, desde a sua origem até os dias atuais. Para além disso, é importante que o conceito de corpo negro não fique exclusivamente voltado para pessoas que foram escravizadas, mas a partir de sujeitos com autonomia para construir suas identidades e subjetividades individuais e coletivas em busca de sua emancipação.

REFERÊNCIAS

DEGLER, Carl N. Escravidão e a gênese do preconceito racial americano. **Estudos Comparativos em Sociedade e História** , v. 2, n. 1, pág. 49-66, 1959.

JUNIOR, Hamilcar Silveira Dantas. ESTADO, EDUCAÇÃO E HEGEMONIA: reflexos da Pedagogia Experimental na Educação Física em Sergipe (1947-1951). **Motrivivência**, n. 19, 2002.

PIERSON, Donald. The Educational Process and the Brazilian Negro. **American Journal of Sociology**, v. 48, n. 6, p. 692-700, 1943.

PIERSON, Donald. Negroes In Brazil: a study of race contact at Bahia. **American Journal of Sociology**, v. 42, n. 6, p. 120-3282, 1942.

PIERSON, Donald. The family in Brazil. **Marriage and Family Living**, v. 16, n. 4, p. 308-314, 1954.

RAMOS, Arthur. O negro no Brasil. **Journal of Negro Education** , p. 515-523,1941

RODRIGUES, José Honório. A influência da África no Brasil e do Brasil na África. **The Journal of African History** , v. 3, n. 1, pág. 49-67, 1962.

SODRÉ, Muniz A. C. **Pensar nagô**. Rio de Janeiro: Vozes, 2017, 238 p.

WILLEMS, Emilio. Assimilação e populações marginais no Brasil: estudo sociológico dos imigrantes germânicos e seus descendentes. **Brasiliana**, 1940.

BRETON, David le; a sociologia do corpo. 6. ed. Rio de Janeiro: **Vozes**, 1992.

QUEIROZ, Thais et al. Existe sociologia do corpo no Brasil ?. **Movimento** , v. 22, n. 4, pág. 1249-1264, 2016.